

Artur Torres Pereira

TEMPORALIDADE.
NO TEMPO DE JOSÉ TOSCANO DE VASCONCELOS RICO
Seguido de
ACADÉMICO ARTUR TORRES PEREIRA.
SAUDAÇÃO AO RECIPIENDÁRIO

Por José Rueff



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA
CLASSE DE CIÊNCIAS

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

TEMPORALIDADE.
NO TEMPO DE JOSÉ TOSCANO DE VASCONCELOS RICO
Seguido de
ACADÉMICO ARTUR TORRES PEREIRA.
SAUDAÇÃO AO RECIPIENDÁRIO

AUTORES

ARTUR TORRES PEREIRA
JOSÉ RUEFF

EDITOR

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

EDIÇÃO

RITA COSTA
DIANA SARAIVA DE CARVALHO

ISBN

978-972-623-345-9

ORGANIZAÇÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Academia das Ciências de Lisboa
R. Academia das Ciências, 19
1249-122 LISBOA
Telefone: 213219730
Correio Eletrónico: geral@acad-ciencias.pt
Internet: www.acad-ciencias.pt

Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2018
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor

TEMPORALIDADE.

NO TEMPO DE JOSÉ TOSCANO DE VASCONCELOS RICO

Artur Torres Pereira

No princípio, após o instante inicial, eram a matéria, a energia, o espaço e o tempo. Dos três primeiros, a Física se tem ocupado e esclarecido, cada vez mais, as suas natureza e propriedades. Tal não tem sucedido com o tempo. Rebelde factor que muito dificilmente se deixa analisar, e que continua, interdisciplinarmente, a preocupar muitos filósofos, desde há 2500 anos.

Sentimos que o tempo nos foge cada vez mais velozmente. Foi cómodo criar a divisão do ontem, do hoje e do amanhã, inexoráveis. Como singelo é falar em passado, presente e futuro. O presente é sentido por todos os que vivem, mas com expectativa temporal bem diversa. No nosso presente, quem nasce hoje terá um presente digamos de 100 anos, mas quem tem hoje 90 já só terá um presente para 10 anos. Em qualquer caso, quando a vida de cada um e de todos cessar, o seu presente será futuro e este ficará registado como passado.

E como em cada dia nascem no mundo 200.000 indivíduos e morrem outros tantos, o tempo presente vivido é extremamente dinâmico e fluido.

Mesmo eu, ao ver o mundo com todos os sentidos, não posso garantir que esteja a ver o presente cósmico. Por exemplo, a estrela mais perto do Sol, a Próxima do Centauro está a brilhar. Mas como ela se encontra a 4 milhões de milhões de quilómetros (12 zeros) a luz que vejo agora levou 3,2 anos a chegar à minha retina. Eu posso aceitar que esse é o seu presente, mas se ela já morreu há um ano só o saberei daqui a 2,2 anos, deixando de ver aquele brilho. Já foi futuro e já será passado, com uma qualquer evolução dos seus elementos constituintes. O meu presente, como disse, dinâmico e fluido tem portanto e ainda uma confinção cósmica. Aliás, para a Psicologia Experimental, a noção de espaço parece ser uma necessidade para pensar ou conceptualizar o tempo.

Analisemos agora o futuro. À nossa faixa do presente, que convencionámos de 100 anos, seguir-se-á imediatamente o futuro, o próximo futuro, quase previsível, bem

documentado nas fotografias de família onde todos já morreram. McEwan acentua que o inventário das fotografias é o inventário da mortalidade. O futuro, a médio e longo prazo é, pelo contrário, especulativo e inquietante não cessando a imaginação sobre a evolução da informática e da robótica, o limite imaginativo da longevidade, a cura de todas as doenças, as consequências genéticas e somáticas da Evolução nos futuros seres, enfim o pessimismo que especula sobre as consequências do reajustamento das placas que pisamos recriando uma nova espécie de Pangeia.

Mas o futuro, esse futuro existe? Talvez não se o considerarmos, no sentido da seta do tempo, uma sucessão contínua e ilimitada de presentes, assim considerados legitimamente e vividos pelas gerações que se sucederem.

Também arditamente se apresenta o passado. O presente é futuro, e este será passado, documentado por diversos modos desde as conversas dos mais velhos, ainda e sobretudo a documentação escrita ou audio-visual, as realizações e os conhecimentos culturais, científicos, biológicos e paleontológicos. Conhece-se cada vez menos bem o tempo quando a seta inverte o seu sentido. Acompanha-se o passado recente, as Luzes, a Idade Média, o Cristianismo, Roma e Atenas, até se chegar ao *Homo sapiens*. Muito mais para trás (e aqui estamos claramente a ligar espaço e tempo) até atingir os 5.200 mil milhões de anos — a idade da Terra. E por fim, com dobrado esforço chegamos ao consagrado primeiro instante do Big Bang. E antes? Fala-se agora de precedentes ondas gravitacionais. Mas mesmo antes só pode ser a **Transcendência**, ou **Deus** para aqueles que a Fé arrebatou.

Para concluir o significado do tempo, agora mais claramente do que sugerimos, o futuro será uma sucessão de presentes a serem vividos, como o passado foram sucessivos presentes já vividos. A noção do tempo e o presente são embaraçosas. Coloquei-me numa atitude diria profana evitando envolver-me na cósmica relação espaço-tempo quadridimensional glória de Einstein, nem tão-pouco na existência do *Dasein*, como carácter temporal do ser, o ser-aí, com a autenticidade da finitude —o fruto do muito complexo pensamento de Heidegger. Podem, com simplicidade, ajudar os matemáticos ou especular os filósofos?

O *Elogio Histórico* dum académico será feito por um confrade, designado por recipiendário, que acaba de ser eleito efectivo na vaga do primeiro, e de quem deverá fazer o elogio histórico, no prazo de seis meses. É esse discurso que confirma de resto a sua nova condição de efectivo. Em seguida, outro académico deverá saudar o recém-promovido efectivo. Estas são as regras há muitos anos definidas no Regulamento de 1865.

Nesta Academia, como em muitas prestigiadas estrangeiras, cada académico ocupava uma cadeira numerada, aceitando-se que o recipiendário iria ocupar a cadeira numerada do elogiado, independentemente da secção ou especialidade que cultivavam.

José Toscano de Vasconcelos Rico foi ocupar a cadeira n.º 14 do muito ilustre académico Augusto da Silva Carvalho. Muitos anos passaram, o número de académicos aumentou, os académicos trocaram de cadeiras numeradas, tendo-se tornado algo irregular e errática a realização de cerimónias como a de hoje, felizmente recuperadas. Ao ser escolhido para o elogio histórico de José Toscano de Vasconcelos Rico ficaria sub-entendido que eu iria ocupar a cadeira n.º 14.

Delicado problema se me pôs que resolvi baseado em muita história comum e na proximidade de idades. Deste modo, se não ocupo a cadeira n.º 14, ocupei várias vezes na vida real e durante anos a sua cadeira de Presidente do Conselho Escolar e Director da Faculdade de Medicina de Lisboa, e ainda a de Presidente da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, instituições quase coevas. Se convencionar chamar-lhes cadeira n.º 14 respeito o espírito da cerimónia, ocupar e sentar-me com orgulho na cadeira de José Toscano de Vasconcelos Rico de ilustre memória.

The Past is a Foreign Country; They do Things Differently There. É uma frase repetida há muitas décadas numa novela de L. P. Heartly. Numa tradução livre “O passado é um território estranho. Eles aí **fazem** coisas diferentes”. Aproveito-a com o sabor do seu contexto salientando o **do** e não **did**. É o passado referido no presente, o presente histórico. Por isso, proponho acompanhar o presente (*they do*) de José Toscano de Vasconcelos Rico a reviver o seu presente, a acompanhá-lo no desenvolvimento

formativo, cultural e cívico; nos êxitos académico e universitário; enfim a animação na Academia de Ciências.

Usarei portanto e sempre o tempo presente histórico porque José Toscano de Vasconcelos Rico está connosco aqui hoje. Vou recordar-lhe a sua história tal como a Academia a regista com o maior orgulho.

José Toscano de Vasconcelos Rico nasce em Portel, em 1901, e morre em Lisboa em 1986. Vive durante 85 anos daquele presente de 100 anos convencionados. O meu sobrepõe-se em grande parte ao seu. São precisamente os 85 anos do seu presente que procuro descrever no tempo presente histórico.

As notáveis qualidades e atributos do homenageado, a elegância do seu porte, a correcção da linguagem, a competência profissional, o bom senso bem revelado na fácil unidade de grupos de trabalho, as salientes qualidades de autoridade não autoritária, o permanente civismo de bem servir o seu país; tantas qualidades, por certo incompletamente enunciadas, levam José Toscano de Vasconcelos Rico a servir em múltiplas instituições onde sempre deixa uma marca de êxito, delas saindo sem ruído mas com muita eficiência.

Uma vez que pela versatilidade das suas apreciadas qualidades desempenha funções simultaneamente em diversas instituições a elas me refiro separadamente sem esquecer que o professor, o investigador, o dirigente, o organizador é ubíquo.

Para simplificar aludo de entrada à acção em diversas instituições, reservando para pormenorização outras muito mais significativas ao longo de sua longa vida a saber, a Faculdade de Medicina de Lisboa, a Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e a Academia das Ciências de Lisboa.

Dentre as diversas instituições saliento a dedicação à *Educação*. De 1963 a 1966 é vogal da 4.^a Secção da Junta Nacional de Educação, em 1965 é vogal do Conselho Superior de Instrução Pública. É agraciado Grande Oficial da Ordem de Instrução Pública.

No *Instituto Bacteriológico Câmara Pestana* inicia as investigações farmacológicas como assistente livre desde 1924. Em 1928 publica nos Arquivos do IBCP, como assistente livre, extenso artigo em inglês “Indigenous hookworms diseases

in Portugal”. Muitos anos mais tarde (1947) assume a presidência do Instituto durante escassos meses.

No *Instituto Português de Oncologia* criado em 1927 e tutelado pelo Ministério da Educação (Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes), justifica-se que a administração ou Comissão Directora é constituída por professores da Faculdade de Medicina presidida por Francisco Gentil até 1960. O IPO só é integrado no Serviço Nacional de Saúde em 1987.

Em 1946, José Toscano de Vasconcelos Rico é nomeado vice-presidente dessa comissão por morte de Mark Athias, e em 1960, seu presidente. Num ambiente de difícil e contestável recrutamento médico, com regras diferentes das seguidas nos Hospitais Cíveis de Lisboa, a tranquila intervenção de José Toscano de Vasconcelos Rico põe à prova as suas qualidades de pacificador. Profere em 1949 e 1965 duas sentidas orações a Marck Athias e a Francisco Gentil.

É professor catedrático de Hidrologia Geral (1947). Presidente do Conselho Médico-Legal.

É Presidente da Comissão Permanente da Farmacopeia Portuguesa entre 1952 e 1962. Presidente da *Sociedade Portuguesa de Biologia* (1951) à qual apresenta dezenas de comunicações, publicadas entre 1924 e 1929 nos Comptes Rendus des Séances de la Société de Biologie.

Na Faculdade de Medicina de Lisboa

Licencia-se em Medicina e Cirurgia em 1924. É 1.º assistente em 1926-28, e em 1930-33 professor auxiliar de Farmacologia e Terapêutica Geral. É nomeado em 1934 professor catedrático de Farmacologia, lugar que desempenha até à jubilação em 1971, dirigindo o *Instituto de Farmacologia*.

Secretário da Faculdade nos biénios de 1935 a 1938 e professor bibliotecário em 1947, é por fim director da Faculdade entre 1949 e 1955 e, mais adiante, entre 1960 e 1966. Tudo desempenhou na FML durante 47 anos.

Director do Laboratório de Medicina Nuclear da Faculdade de Medicina de Lisboa (1969), no qual realiza investigações desde 1957. Vice-Reitor da Universidade de Lisboa em 1965-66. Por fim, Director do Hospital de Santa Maria em 1970.

Da centena de trabalhos apresentados na Faculdade de Medicina de Lisboa destaco alguns mais significativos.

Em cinco anos (1924-29) publica cerca de 22 comunicações na já referida revista francesa, consagrados à Biologia e luta contra os parasitas intestinais Nematodos e Céstodos. É-me grato recordar que a sua primeira comunicação de 1924 (ano em que nasço), preparada no *Instituto Bacteriológico Câmara Pestana*, trata da acção do estanho sobre *Staphylococcus aureus*, a minha bactéria favorita durante 40 anos de investigação microbiológica.

Em 1926-28 apresenta sete comunicações sobre Nematodos e Céstodos, em colaboração com Sílvio Rebelo e Gomes da Costa; “Ancylostomíases em Portugal (1927); “Antagonismo entre o Mg e alguns catiões monovalentes” (1933), dissertação de concurso.

“Sílvio Rebelo” (1943), um elogio ao fundador da Farmacologia Experimental em Portugal, em sessão conjunta da FML e Sociedade Portuguesa de Biologia.

“Radionuclídeos e investigações em Medicina” (1961), no curso de extensão universitária de energia nuclear na Reitoria da Universidade.

“Sobre a acção dos inibidores da monoaminoxidase e de aminas adrenérgicas no aumento da permeabilidade capilar produzida pela serotonina” (1971), na jubilação do Professor Lorenzo-Velasquez.

“L’emploi de ¹³¹I dans l’étude de la réactivité pharmacologique des vaisseaux sanguins périphériques” (1979).

Na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa

Sócio desta Sociedade desde 1929 José Toscano de Vasconcelos Rico é eleito presidente para o triénio 1941-44. O Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, publicado desde 1835, assinala três orações inaugurais: “Ciências Médicas e Medicamentos” (1941), “Fármacos e Células” (1943) e “Progressos na Quimioterapia. Fungos e Bactérias” (1944). São ainda referidas diversas comunicações e intervenções como “A ancilostomíase em Portugal” 1926); “Sousa Martins” na sessão comemorativa

do seu nascimento (1943); “Augusto da Silva Carvalho” (1969) e “Problemas farmacológicos da anestesia” (1946).

José Toscano de Vasconcelos Rico convive nas sessões da Sociedade com os colegas que são simultaneamente seus confrades na Academia e cito somente Egas Moniz, Almeida Lima, Barahona Fernandes, António Flores, Lopo Carvalho, Augusto Celestino da Costa, Nicolau Bettencourt, Reynaldo dos Santos, Henrique Vilhena, Costa Sacadura, Augusto da Silva Carvalho, Jorge Horta e Júlio Dantas, dentre muitos mais.

A íntima ligação entre os dois únicos foros de ciência médica em Portugal durante mais de 150 anos demonstra-se na sequência de quatro presidentes da SCML todos igualmente académicos da ACL: José Toscano de Vasconcelos Rico (1941-44); Egas Moniz (1944-46); Augusto Celestino da Costa (1946-49) e Henrique de Vilhena (1949-50).

Na Academia das Ciências de Lisboa

Na Academia é eleito académico correspondente em 1947, e efectivo em 1960, após relatório de Reynaldo dos Santos, Amorim Ferreira e Almeida Lima, indo ocupar a cadeira n.º 14.

É eleito vice-presidente da Classe de Ciências em 1976, aí se mantém até 1978. É membro de Conselho da Presidência.

“O emprego dos Isótopos radioactivos no estudo das alterações farmacológicas da permeabilidade vascular”, comunicação em 1959.

A partir de 1960, já efectivo, apresenta valiosas contribuições para a Academia de que destaco as principais;

“A obra científica de D. Gregório Marañon”, (1960) homenagem ao académico correspondente, endocrinologista de reputação internacional;

“Elogio Histórico de Augusto da Silva Carvalho” seu antecessor na cadeira n.º 14, (1961);

“Absorção do ^{131}I administrado por via sub-cutânea; influência de algumas substâncias vasomotoras”, (1964); “Administração das prostaglandinas na permeabilidade vascular”, (1974);

“Evocação e homenagem à memória do Professor Almeida Costa” presidente da classe de Ciências”, (1978);

“Bloqueadores beta-adrenérgicos e permeabilidade vascular”, em colaboração com José Manuel Gião Toscano Rico (1978);

“As Ciências Médicas e a Academia” (1979). Oração proferida na comemoração do II centenário da Academia das Ciências de Lisboa. Neste notável trabalho, importante e sua última contribuição, desenvolve com muito pormenor a grande influência e benefício para a comunidade que desde sempre a Secção de Ciências Médicas tem revelado por intermédio de numerosos académicos, acrescentando ao nome de todos um brilhante e elogioso comentário.

Salienta os grandes clínicos Egas Moniz, Lopo de Carvalho, Miguel Bombarda, Costa Sacadura, Salazar de Sousa, António Flores, Barahona Fernandes, Júlio de Matos, Sobral Cid. Lembra o virtuosismo cirúrgico de Almeida Lima, Reynaldo dos Santos. Os anatomistas como Henrique Vilhena, Victor Fontes, Maximino Correia (que Reitor em Coimbra cedeu a primazia à Academia das Ciências de Lisboa na publicação facsimilada da edição *princeps* dos Colóquios de Garcia da Orta, ao tomar conhecimento que essa decisão estava tomada na Academia por proposta de Silva-Carvalho).

Nas ciências médicas básicas e pré-clínicas destaca Celestino da Costa (o mais reputado embriologista), Sílvio Rebelo (o introdutor da Farmacologia Experimental), José Toscano de Vasconcelos Rico (seu prolífero continuador), Mark Athias, Jorge Horta, Aires de Sousa e Aleu Saldanha. Salienta ainda os vultos excepcionais de Ricardo Jorge e Azevedo Neves.

A mais valiosa nota histórica desta comunicação de José Toscano de Vasconcelos Rico é a informação esclarecedora e quase esquecida do maior serviço que a Academia, como instituição, prestou à população portuguesa. Refiro-me à Instituição Vacínica criada pela Academia das Ciências de Lisboa em 1812 (quatro anos após o termo da invasão francesa) por proposta de Bernardino António Gomes em sessão desse ano. Em 1812, a Academia ainda funciona no Palácio dos Sobrais (ao Calhariz). A sua instalação definitiva no Convento de Jesus, Convento da Terceira Ordem da Penitência de Lisboa só é garantida por lei em 1834.

A vacina anti-variólica aplicada pela primeira vez por Jenner em 1799 é ensaiada precocemente num hospital de Lisboa e em Coimbra, mas sem sequência. A Instituição Vacínica da Academia funciona de 1812 a 1835, até ser incorporada na Junta de Saúde Pública do Reino. A vacina (aplicada aos domingos) destina-se a proteger as crianças (entre 1813 e 1821 são inoculadas 90 965 crianças) de entrada aos orfãos da Casa Pia, à população em geral e a ser aplicada por todo o país pelos médicos voluntários que a Academia reconhece como correspondentes. À distância de dois séculos bem pode ser considerado um trabalho hercúleo da Academia em prole da Saúde Pública.

Honrosa Mesa, Ilustres Confrades, Senhoras e Senhores: vou terminar e abandonar o presente histórico.

A todos agradeço terem-me acompanhado com orgulho, e apoiado, ao longo desta prestigiosa história que traduziu o sentimento, a gratidão e a homenagem da Academia das Ciências de Lisboa, e que transmiti ao professor José Toscano de Vasconcelos Rico que hoje connosco comungou, no regresso a esta grandiosa sala que tanto amou e tanto prestigiou. Regressou ao presente, ao nosso presente que também pode ser o seu presente, quando só 23 anos nos separam. Jamais poderá voltar a um presente comum. Despedimo-nos hoje.

Tenho Dito.

*(Elogio proferido na sessão plenária e pública
de 31 de julho de 2014)*

*
* *

ACADÉMICO ARTUR TORRES PEREIRA. SAUDAÇÃO AO RECIPIENDÁRIO

José Rueff

Exmos. Senhores Presidente e Vice-Presidente da Academia;

Ilustres Senhores Académicos;

Ilustre Senhor Professor Torres Pereira,

Ilustre senhor Professor José Manuel Gião Toscano Rico,

Incumbiram-me os Insignes Senhores Académicos da tarefa, aliás muito grata, de dirigir ao Recipiendário, Senhor Professor Artur Torres Pereira, as palavras fraternais e respeitosas de cumprimento e acolhimento na Academia; onde é Académico Efectivo, desde 1994, e onde tem exercido com notável elevação os cargos de Vice-Secretário da Classe de Ciências e de Tesoureiro da Academia. É com subida honra que cumpro este tradicional preceito da Academia; ademais, como hoje, tratando-se da figura do Senhor Professor Artur Torres Pereira.

Tal tarefa de saudar o Recipiendário, dir-se-ia que se revela fácil por ser o Senhor Professor Artur Torres Pereira uma figura cimeira da medicina portuguesa e internacional contemporâneas. Mas este mesmo facto convola-se rapidamente, pelo menos para mim, em tarefa assaz ingente por sentir não me ser fácil transmitir o quanto a figura de Torres Pereira tem de grande. Escasseia-me o talento para eloquentes volutas verbais e o saber para a inteligência plena dos méritos que concorrem na figura do Recipiendário. Para tal escassez rogo a compreensão da Academia. Como escreveu o Académico João Lobo Antunes: “nunca se repousa na tranquila segurança de que foi percebida a dimensão total da obra, se compreendeu o exemplo, não nos escapou a oportunidade de recolher alguma virtude tresmalhada.”

Importa reflectir, antes de mais, no sentido destes ritos cerimoniais que as Academias cultivam e preservam com incontestada justificação. O seu fundamento e razão última estão, talvez, naquilo a que o saudoso Académico Barahona Fernandes, em acto deste jaez, quando saudou nesta Academia Victor Fontes, chamou “os encontros de Personalidades, sem as quais a existência perderá a sua significação. Encontros, no plano da compreensão empática, (...) que se procura exprimir, nestas actividades discursivas, no plano do Logos”.

Ouvimos o Senhor Professor Artur Torres Pereira fazer, de forma elevada, eloquente e formalmente sedutora, como sempre foi seu timbre e qualidade, o Elogio do Insigne Académico Senhor Professor José Toscano de Vasconcelos Rico que brilhou nesta casa desde a década de quarenta como Académico Efectivo e que era desde 1934 Professor Catedrático de Farmacologia e Terapêutica Geral da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

O Professor Toscano Rico sucedeu na cátedra a outro ilustre farmacologista e prócere da farmacologia em Portugal — Sílvio Rebello, que também foi Académico, tendo aqui ingressado em Maio de 1923.

Socorro-me de outra figura grande da farmacologia em Portugal, o Professor José Garrett, para tentar precisar o quão grande foi a obra de José Toscano Rico. E cito: “Sílvio Rebello teve muitos discípulos, um dos quais havia de se tomar o seu insigne continuador. E se o mestre se honra por ser o discípulo maior que o mestre, também essa honra teve o Professor Sílvio Rebello. Na verdade, o seu sucessor foi o Professor José Toscano Rico, cuja grandiosa obra farmacológica e universitária todos conhecem”.

Na evocação de hoje, congraçam-se, não fortuitamente, mas antes pelo prestígio de ambos, o Académico Toscano Rico que foi Director do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana em 1947, com o Académico Torres Pereira que igualmente exerceu esse mesmo cargo com elevadíssimo prestígio de 1977 a 1984.

Não menos relevante é a circunstância, em que concorreram as elevadas qualidades de qualquer deles, de terem exercido ambos, o prestigiado cargo universitário de Vice-Reitores da Universidade de Lisboa: Toscano Rico em 1955 e Torres Pereira entre 1970 e 1974.

Coincidiram outrossim, no facto de qualquer deles ter exercido as importantes funções de Director da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Toscano Rico entre 1948 e 1955 e Torres Pereira entre 1989 e 1994.

Estabelece-se, assim, como também o fez notar Barahona Fernandes, uma cadeia de elos espirituais em que se vai desenrolando a história da Academia, a história de homens de ciência excepcionais, que estas cerimónias tornam patentes e a que ajudam a dar sentido.

Assim, qual fio de Ariadne, estas singulares ocasiões assistem-nos a compreender como a inteligência e as obras de homens de eleição, como aqueles que aqui hoje se evocam, vão brilhando ao longo dos anos nas salas vetustas desta Academia e se entretecem para nos permitir compreender o lugar único e insubstituível das Academias e, aqui e agora, a nossa Academia. E mais, para permitirem a intelecção das obras dessas figuras maiores e da sua projecção na ciência, para lhes aprendermos a sua singular Bedeutsamkeit .

Torres Pereira é um microbiologista de primeira água, com créditos firmados internacionalmente nesta área. Integrou, por exemplo, a ‘International Committee on Nomenclature of Bacteria’, destacando-se como vogal da ‘International Subcommittee on Nomenclature and Taxonomy of Staphylococci and Micrococci’, no período compreendido entre 1963 e 1994. Participou ainda, enquanto delegado português, na ‘Subcommittee for Phage-typing of Staphylococci’, entre 1975 e 1994.

A sua actividade como microbiologista prestigiado, não se quedou pelo laboratório, tendo integrado, por exemplo, a Campanha anti-colérica em Macau onde

efetuou três missões, a convite do Ministério do Ultramar, como delegado português na epidemia do Vibrião El-Tor no Sudeste Asiático, entre 1961 e 1963.

* * *

Mas fala, por si só e sobretudo, a numerosa produção de trabalhos científicos originais que publicou e que ascende a cerca de 140 títulos.

Não me arrojando a dar um todo convoluto da sua vasta obra científica — até porque para tal mal faltaria competência e engenho — referiria, designadamente as suas contribuições para a compreensão da variação antigénica em *Staphylococcus aureus*, microrganismo ao qual emprestou contribuições que são marcos miliares do género *Staphylococcus*. E interpretou, e bem, que a variação antigénica era devida a mutações génicas surgidas em sucessivas sub-culturas bacterianas.

Deu igualmente contribuições fundamentais para discriminação de estirpes de espécies de estafilococo, em particular, através do estudo da lisogenia e da tipagem fágica associadas à inovadora análise de ADNplasmídeo. Tal abordagem revelou-se particularmente relevante e discriminatória para estirpes de *S. saprophyticus*.

Mais recentemente e por entre muitos dos estudos de que é autor, permitir-me-ia relevar o candente problema da resistência e multi-resistência antibiótica para cuja compreensão Torres Pereira e colaboradores trouxeram à ciência contributos fundamentais.

Vale a pena um breve excurso. Cerca de 10% dos doentes hospitalizados contraem infecções na sequência, designadamente de procedimentos diagnósticos ou terapêuticos ou por terapêutica imuno-depressora.

Estas infecções por bactérias multirresistentes são frequentemente causadas por Estafilococos resistentes à meticilina, mas também por Enterobactérias e Pseudomonas.

O *Staphylococcus aureus* multi-resistente é uma bactéria que se tornou resistente a diversos antibióticos, desde logo à penicilina, cerca de 1947, sendo que por 1959 essa resistência já alcançava a taxa de 80%, sendo estendida tanto à amoxicilina como à ampicilina e depois ao beta-lactâmico sintético meticilina, que não era degradado pela acção das beta-lactamases que o *S. aureus* produzia. Entretanto, logo após o advento da meticilina, foram identificadas amostras resistentes à meticilina, além da expressão de multirresistência.

Estas estirpes foram designadas de MRSA (*Staphylococcus aureus* resistente à meticilina) e são resistentes a todos os antimicrobianos beta-lactâmicos.

A resistência à meticilina é determinada por um gene do cromossoma bacteriano — o gene *mecA*, o qual codifica para modificações no receptor do beta-lactâmico.

O contributo de Torres Pereira e colaboradores para o estudo das endemias hospitalares por *Staphylococcus aureus* (MRSA) revelou-se fundamental para identificar o mecanismo molecular da resistência e trazer um contributo fulcral à compreensão da resistência que o antibiograma não fazia prever.

De facto, num vasto estudo em isolados de *Staphylococcus aureus* (MRSA) responsáveis por uma epidemia no Hospital de Santa Maria que atingia já em 1993 uma prevalência de cerca de 30%, verificou-se que a multi-resistência do antibiograma era essencialmente sobreponível nos vários isolados. Todavia, feito um estudo fino molecular, designadamente, para polimorfismos no gene *mecA* e locais de ligação do transposão Tn554, foi possível demonstrar que a padrões similares do antibiograma correspondiam constituições genéticas dos isolados de MRSA largamente diferentes entre si.

Assim, o que o antibiograma poderia levar a inferir tratar-se de isolados geneticamente homogéneos, revelou-se, afinal, estar-se perante múltiplas e muito diversificadas constituições genéticas para uma mesma epidemia hospitalar, o que indicou a muita vasta permuta genética em estafilococos; ocorrendo esta permuta horizontalmente na população bacteriana como o demonstra o facto de alguns isolados geneticamente muito diferentes partilharem o mesmo polimorfismo do gene *mecA*.

* * *

Senhores Académicos:

Nos locais e nos ambientes onde exerceu funções, Torres Pereira, distinguiu-se sempre, nunca deixando indiferentes as mentes que com ele privaram e ou os destinos das instituições que serviu; como na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa onde foi professor catedrático desde 1969 e onde já era professor extraordinário desde 1965, ascendendo às funções de Presidente do Conselho Científico, além do já mencionado cargo de Director.

No Instituto Bacteriológico Câmara Pestana foi durante 42 anos médico do quadro, onde foi Chefe do Serviço de Diagnóstico e Terapêutica da Difteria e onde ascendeu a Director, cargo que muito prestigiou. Havia já antes sido Subchefe do Laboratório de Bacteriologia do Hospital de Santa Maria, entre 1954 e 1961, Laboratório no qual foi Chefe do Serviço de Patologia Clínica em 1993.

Para além de ter sido, na Ordem dos Médicos, Presidente do Conselho Disciplinar do Sul (1984-87) e Presidente da Comissão do Acto Médico (1992-1993); e de ter sido Secretário (1967-1977) e posteriormente Presidente (1977-1985) da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, o Senhor Professor Torres Pereira devotou à causa do ensino médico muito do seu saber e notável capacidade empreendedora. Poderíamos citar a reconstrução do edifício da antiga Escola Médica ao Campo de Santana que soube pôr a funcionar como extensão da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e que é actualmente Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova.

De referir ainda o seu papel como Vogal e depois Presidente da Comissão Interministerial para a Revisão do Ensino Médico, entre 1989 e 1994; ou de membro da Comissão Permanente da Farmacopeia Portuguesa, entre 1978 e 1992.

Mereceu a Menção Honrosa com grau de excelência do Ministério da Educação, em 1994, e a Grã-Cruz da Ordem de Mérito, em 2002. Já em 2012 recebeu a Medalha de Serviços Distintos Grau “Ouro” do Ministério da Saúde.

Muitos outros factos do labor e do saber do Professor Torres Pereira, da sua curiosidade intelectual, da sua capacidade criativa como cientista e mentor de cientistas, deveria eu aqui e hoje ainda evocar. De facto, as exaltações de encómio não constituem nesta Academia apenas um rito formal, mas antes e, sobretudo, uma manifestação cultural e uma apreensão espiritual do encontro humano dos saberes.

Falta-me a competência e o engenho para ajudar a catalisar essa apreensão espiritual e esse encontro dos saberes que hoje aqui une, neste acto, as figuras de Torres Pereira e José Toscano Rico — peço a indulgência do vosso perdão para esta minha insuficiência.

Mas se procurei saudar o Professor Torres Pereira, enquanto cientista, cultor do saber, académico, universitário, uma coisa falta — dar o recorte do homem.

Torres Pereira impõe-se à nossa consideração pela sua grandeza na simplicidade, pelo seu conselho sábio, pelo seu modo de estar na vida, pela sua coerência e pela sua nobreza de carácter. Em suma, rigor, elevação, dignidade e, sempre que as vicissitudes (como “os coeficientes de adversidade” de Gaston Bachelard) lho permitiram, também alegria, dão o traço com que vejo este ilustre Académico, o Professor Torres Pereira. Como decorre de Heidegger, só existe história de uma vida se ela tiver verdade interna, se ela for autêntica. É o caso deste ilustre Académico que me coube saudar hoje.

Ou como Fedro aplicou a Minerva na Fábula 17 (III, 17, 12) onde se encontra a divisa da Academia, diria mesmo: “*merito sapiens dicere omnibus*”.

*(Saudação proferida na sessão plenária e pública
de 31 de julho de 2014)*